



Não podem ter interesse para quem governa as mutações da superfície, deixando intacta a causa dos males; só o têm as profundas transformações económicas, sociais e políticas, que novos costumes e novos conceitos de vida social provoquem e garantam.

SALAZAR

ANO V — N.º 124
JUNHO
30
1957

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
LOULE
Telefone 216

MISSÃO CUMPRIDA!

Nestas duas palavras sintetizou o Senhor General Cra-veiro Lopes aos portugueses o relato da sua viagem ao Brasil amigo e fraterno.

É indiscutível que, na sua elevada função de Chefe de Estado, Sua Ex.ª acabava de desempenhar-se brilhantemente de um serviço (assim podemos chamar-lhe, dadas as próprias palavras da mensagem) que o País fica a dever-lhe. Quem sabe até se o mundo, futuro, não beneficiará da realidade que é a comunidade atlântica, expressa pelo binómio Portugal-Brasil, ou mais simplesmente, pela lusitanidade ressurgida, que Portugal, pela pessoa do seu ilustre representante, esteve a confirmar e a amalgamar, nos dias triunfais passados em terras de Santa Cruz.

Sem distinção de credos, de ideais ou de princípios, todos os portugueses se congratulam pelo êxito iniludível da viagem e todos eles se sentem fortes e reconhecidos a quem, tão prestigiosamente, prestou tal serviço a Portugal.

Se, porém, para tanto, também foi preciso ir aureado pelo respeito, admiração e prestígio de que o País goza, não podemos deixar de ver, no abraço de recepção, à chegada, a unidade que existe entre a preparação e a execução deste grande *triunfo da Lusitanidade*.

Com a alegria e as satisfações de português, Salazar terá sentido o consolador orgulho pelo êxito de uma política que, como sempre, silenciosa mas persistentemente, tem preparado.

Compreendendo-o, agradecendo e colaborando para que o êxito da viagem não seja efémero como a vida dos homens, os portugueses poderão um dia dizer à Pátria como o Chefe do Estado lhes disse a eles: Missão cumprida!

Neste momento, a primeira, palavra, a única palavra, para quem tão bem serviu o interesse nacional será aquela que o povo de Lisboa já pronunciou com emoção: —Obrigado!

J. R.

Turismo algarvio

É do nosso prezado colega «Diário Popular» de 26 do corrente o judicioso artigo que noutro lugar publicamos, da autoria do ilustre algarvio sr. General Leonel Vieira e em que mais uma vez é posto em foco a urgente necessidade de se explorarem as vantagens que o incremento turístico está tomando no nosso País e que o Algarve não tem sabido aproveitar convenientemente, apesar da benignidade do seu clima e das suas lindas praias.

DEFESA Civil do Território

Frequentados por cerca de 100 funcionários públicos de diferentes proveniências, realizaram-se, em Faro, mais 4 cursos básicos (tipo reduzido) em que participaram professores do Liceu de Faro e da Escola Técnica desta cidade e demais funcionários e chefes de outros departamentos públicos.

Também em 15 do corrente mês teve inicio um curso de preparação de «Instrutores de 1.º Socorros» da Defesa Civil, frequentado por cerca de 30 médicos do Algarve.

Este curso está a ser orientado por dois médicos, Professores da Escola Nacional da Defesa Civil que, para o efeito, se deslocaram a Faro.

AGORA E SEMPRE

EM larga escala, a economia do Algarve assenta sobre dois pilares—o mar e a terra, o peixe e os frutos. Se o clima marítimo já foi estudo de molde a obter-se o máximo de rendimento da riqueza submersa, outrotanto não se pode dizer do clima terrestre, onde a experiência encerra segredos que o homem, a pouco e pouco vai desvendando, à medida que os anos passam e os contratempos surgem.

Como se avizinha a nova época para a colheita de frutos bom será que todos nós, os que vivemos da terra, reunamos dados e colecionemos factos para os alinhar ao longo da escala marcada pela experiência, a fim de não cairmos nos mesmos erros em que o passado tem sido fértil.

Esses erros, aliás evitáveis, encontram-se agrupados em volta dos três ramos em que a actividade comercial dos frutos está dividida, ou seja a lavoura, o intermediário e o exportador. A começar pelo primeiro grupo, a lavoura é culpada de desmazelos na escolha e desinfecção dos figos; é culpada de pressa e precipitação na colheita das alfarrabas, colhendo os frutos antes do período da maturação; é culpada de desleixo umas vezes, outras vezes de fraude na mistura de amendoas doces

com amendoas amargas, etc. O intermediário é culpado dos mesmos factos atribuíveis à lavoura, excepto a precipitação da colheita, e mais aqueles que uma esperteza solerte tantas vezes põe a descoberta; finalmente a exportação é culpada dum atraso descomodado em relação ao comércio de outros países. Os nossos frutos seguem para o estrangeiro mal seleccionados e mal defendidos quanto a marcas e conservação. Ainda não criámos marcas especiais com figo extra, como se usa em certas preparações caseira, cujo grau de conservação é quase indefinido.

E' possível que estejamos a ser injustos com este ou aquele intermediário, com este ou aquele exportador cujas qualidades estão acima de qualquer crítica, mas duma maneira geral a exportação ainda se não convenceu que o futuro do nosso mercado de pende do escrúpulo e aperfeiçoamento que presidam ao acondicionamento das espécies exportadas. Haja em vista o que aconteceu, na última colheita, com a pasta de figo, que uma vez exportada foi rejeitada e devolvida à pro-

(Continuação na 2.ª página)

Visado pela Com. Censura

Consulta dentária

O distinto médico estomatalogista nosso conterrâneo sr. Dr. Lélio Macias Marques, que, apesar de novo, tem firmado os créditos em Lisboa, inicia no Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, a partir de 1 de Julho, uma consulta diária das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas.

Desta forma ficará o nosso Hospital disposto de mais uma consulta especializada o que sem dúvida muito o valoriza, dada a já comprovada competência do novo clínico que passará a dispor.

Vai ressurgir o ciclismo

em LOULÉ?

Com a ajuda de todos os amigos do ciclismo louletano, com o arranjo da pista de corridas, pela Câmara, e com espírito de iniciativa do Rev. Padre Luís, é possível ressuscitar-se uma notável tradição desportiva desta terra.



RECORDANDO: — Aspecto da largada dos corredores que tomaram parte na Volta ao Algarve promovida em 1954 pelo Sporting Club Atlético e que ficou assinalada como a última corrida de bicicletas realizada em Loulé

De todos os espectáculos desportivos é, sem dúvida, o ciclismo aquele que desfruta dos favores e simpatias gerais do público desportivo de Loulé.

A razão dessa preferência, firma-se, por um lado, no discernimento técnico que a maioria dos adeptos locais demonstram possuir sobre este desporto e, por outro, na saudosa galeria dos seus campeões de antanho, que os louletanos se orgulham de recordar.

Desde o possante Cabrita Mealha ao inteligente e descontraído Joaquim Apolo — indiscutivelmente e estrela de maior fulgor no firmamento do ciclismo local, por ser, até agora, o corredor de mais apurado sentido tático e o mais persistente e disciplinado na obediência técnica dos treinos — sem esquecermos, de perfeito, Manuel Barros, Cristina, Manuel Apolo, Bernardino Amaro, Francisco do Serro, Inácio Ramos e tantos outros, como o consagrados José Martins, Ildefonso Rodrigues e João Lourenço, são tudo nomes glorifica-

dos pelas lutas desportivas e que constituíram a vanguarda e a élite de velocipedistas fundidos nesta admirável força do ciclismo nacional, como até há pouco tempo foi a terra de Duarte Pacheco.

— O que não ia de alvoroço por esse Loulé fora com os feitos dum Mealha ou dum Apolo? — Que mar de vibrações não transmitiram esses homens, a típica terra louletana, com os seus extraordinários cometimentos em cima dumha bicicleta?!! E tantos eram os que foram: Nas voltas a Portugal, nas 24 horas do Porto e de Lisboa, nas Voltas a Mafra e nas dos Campeões, nos clássicos Porto-Lisboa e vice-versa, nos campeonatos regionais e nacionais e, por último, na pista de Loulé, onde Joaquim Apolo quase conseguia materializar as teorias da invencibilidade!

A seguir, porém, ao sepulcro desportivo deste último ídolo, assistiu-se, até agora — vai para 5 anos — à paralisação das competições ciclistas neste concelho. Com a expedita actuação da sua

brilhante equipa de amadores, prodigalizou-nos o Atlético uns ténues vislumbres de reacção ao marasmo que se ia seguir. Foi o círculo do ciclismo local.

Entretanto, surgiram as piores, além-fronteiras, de Alves Barbosa e Ribeiro da Silva e o nosso meio desportivo agitou-se. Novos e velhos todos recomeçaram a falar em ciclismo e muitos deles a lamentarem a actual inexistência dumha modalidade em que Loulé foi grande e senhora na modalidade.

— O forçado interregno das pugnas velocípedicas será benéfico ao ressurgimento do ciclismo louletano? É de crer que sim. São agora os saudosistas dessas belas tardes de competição que bradam pelo reaparecimento do «mais querido» dos seus lazeres desportivos. Reclamam-nos os amantes das lutas em estrada ou em pista, os apaixonados das perseguições cadenciadas e veloces, os apreciadores da regularidade.

(Continuação na 4.ª página)

Impressões sobre pintura...

BOTELHO & E PEDRO MARQUES expuseram em FARO

O Café «Aliança» «acordou» cingido por um frio colorido de telas de dois pintores nortenhos, Botelho & Pedro Marques.

Foi como se uma firma de pintura limpa de atmosferas e poética de luz e sombras invadisse o Sul, em toda a sua exuberância de verdes, azuis e sombras, numa réplica à poesia natural algarvia.

Exposição cômoda, que não obriga a deslocar pela sua análise e permite até ver o «filme das suas telas» da mesa do café, como o espectador gosta um espectáculo do cômico «fauteuil». Nada mais prático que o café para o paladar do «habitué» e a pintura para os seus olhos — em dois adocicados...

Cada tela é um «écran», mostrando-nos — antes desbobinando-nos — cenas e cenas desse filme de pincel, desse filme do Nor-

te, que Deus tornou brasão deste Portugal, pequeno em tamanho, mas grande em beleza.

Aproveitando este tema, os dois artistas dão ao seu «cinema» de telas uma ideia de tecnicolor a três dimensões...

Céu de tempestade, cinzen-

(Continuação na 2.ª página)

Dr. Brito da Mana

Foi escolhido, como bolseiro português do Centro Internacional da Infância, para frequentar um curso que funcionará em Paris, o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, sr. Dr. Joaquim de Brito da Mana, sub-delegado distrital do Instituto Maternal.

Porque o facto revela o apreço em que o Dr. Brito da Mana é tido nos altos meios assistenciais e constitui o reconhecimento do valor da acção que tem desenvolvido, congratulamo-nos com a escolha e felicitamos este nosso velho amigo.

Turismo algarvio

Pelo General Leonel Vieira

A industria do turismo representa hoje, para muitos países, um valor económico assaz importante. A Itália, a Suíça, a França, a Inglaterra, a Holanda, a Alemanha e os países nórdicos cuidam com especial interesse do seu desenvolvimento turístico, procurando elevar essa receita nacional, que entre nós já atingiu o saldo positivo de 300 mil contos.

São interessantes os variados meios de propaganda, a que alguns países recorrem, não se contentando com a actividade sempre crescente da suas agências de viagens e das grandes empresas de transportes aéreos, que constantemente lançam no estrangeiro sugestivos cromos, em que a arte fotográfica e as cores se combinam, para criarem os cartazes mais aliciantes. Merece referência especial a propaganda que a Inglaterra, há tempo, lançou na América, pela publicação, nas revistas inglesas mais lidas, de fotografias em que se viam personalidades americanas conhecidas, observando, nas suas via-

gens a Inglaterra, monumentos, palácios, catedrais ou outros assuntos de interesse turístico, como o curioso aspecto dos portões armados do Palácio de Buckingham, tendo de cada lado, na sua imobilidade habitual, a dupla sentinela equestre da guarda, ou a cerimónia tradicional do «Trooping the colour», em que Sua Majestade, a cavalo, com o uniforme de coronel, passa revista ao regimento dos «Coldstream Guards», tradição que vem desde o tempo da Rainha Vitória.

Em Portugal, construídas as belas estradas cuja rede se vai completando, edificadas, com inteligência e bom espírito português, aquelas pousadas, que pela sua localização, boa adaptação ao ambiente e bom aproveitamento dos artefactos, regionais de maior valor decorativo, constituem um exemplo digno de ser seguido, estimulada a construção de bons hotéis por um decreto, adequado, vai progredindo o apetrechamento turístico, mas não tão rapidamente como todos desejariamos.

(Continuação na 4.ª página)

Conheça a nossa terra



Para quem gosta de conhecer os recantos mais pitorescos do nosso concelho, oferecemos hoje esta pouco conhecida paisagem da ribeira de Querença, no sítio da Passagem, e cujo bucolismo e frescura justificam um passeio nestes quentes dias de verão a quantos apreciam passar um dia ao ar livre para retemperamento da agitada vida da nossa época.

Da vida que passa

José de Freitas Alvina

Faleceu há dias em Faro, onde residia desde Janeiro último, o sr. José de Freitas Alvina, figura popular e querida dos louletanos, que sentem o seu falecimento, e muitos deles, lamentam não ter sabido do seu funeral, pois desejavam prestar-lhe uma derradeira e sentida homenagem.

Ninguém em Loulé desconhecia o «Zezinho Titorreia» o louletano entusiasta pela sua terra, o apaixonado defensor dos seus progressos e melhorias, sobre as quais discorria tipicamente horas seguidas, quando lho permitiam os afazeres profissionais e os lazeres próprios.

Geralmente após o Carnaval, em festa que o povo acompanhava alegre e bem disposto, ele arregava as suas ideias sobre as vantagens de certos empreendimentos, segundo o seu consenso indispensáveis e precisos ao progresso local.

«Seria uma fartura para todos» no seu engraçado dizer.

Os anos e o trabalho de muitos lustros fizeram dele um quase farrapo humano, tendo ultimamente dificuldade em agenciar a sua subsistência.

Pessoas caridosas olharam por ele, e, dentro das humanas possibilidades, a vida ia-lhe correndo melhor, quando uma doença impertinente o vitimou, e no passado dia 19, pelas 7 horas da tarde foi a enterrar em Faro quem tantas tardes de alegria e gozo deu aos louletanos seus amigos e tantas horas de trabalho dispensou no alindamento de muitos prédios da nossa vila, e de outras localidades, pois foi pintor de muito mérito e de inconcussa probidade.

Pessoa extremamente bondosa, deixa uma saudade bem vincada em cada louletano, e uma lágrima furtiva aflora aos olhos de alguns amigos que bem lhe queriam e sentem profundamente o seu passamento.

José de Freitas Alvina tinha 75 anos, pois nacera em Loulé em 4 de Junho de 1882, filho de Manuel de Freitas Alvina e de D. Quitéria do Carmo, era irmão da sr.ª D. Maria do Pilar Freitas Carrilho, viúva do sr. Alexandre Bento Carrilho, residente em Lisboa e tio do sr. Alexandre Bento de Freitas Carrilho, também residente na Capital, a quem apresentamos a expressão do nosso pesar.

LEIA!
ASSINE!
DIVULGUE
«A Voz de Loulé»

João Caetano de Sousa Leal, Limitada
LOULÉ
TRESPASSA-SE a SEÇÃO DE RETALHO DESTA FIRMA

Por falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalho e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

Transportes de Carga Louletana, L. da



Largo Tenente Cabeças - Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Botelho & Pedro Marques

(Continuação da 1.ª página)
tos, moldados a chumbo; atmosferas primaveris, dum azul fénicio, bem como résteas de núvens aladas, como pombas, cortando o espaço, dão às suas telas luzes equilibradas e bem distribuídas certas tonalidades de tintas e efeitos definidos.

Nos marinhos lúdicos, espehados e poéticos, em que todo o volume dos quadros se remira, também os pintores vincam uma nota de romantismo, preciosa de tranquilidade, de projecção e de meditação, em que o «pousanismo» de azenha, da casa, do arvoredo e das velas vive e medita, medita e vive.

Onze os pintores têm terços magistras, de soneto de mestre, é na técnica das sombras estrangulando as luminosidades nos contra-luz, dum poesia magistral como em «Eucaliptos» e «Outono», chapejando de luz um frondoso castanheiro e outros motivos, quase a recordar Machado nos aurifluentes da sua paleta imortal.

Nos verde-mar, verde-prado e verde-doentio, gritantes de luz intensa, os dois artistas vivem, com fiel interpretação, a alma dos seus quadros, todos eles paisagem, luz e poesia.

Porém, tal como em todos paisagistas que nos têm visitado, desde Jaime Murteira, a timidez pelo desenho da figura manifesta-se e deixa os seus temas ao sol ou ao luar, apenas com a Natureza, em si, recitando nos palcos dos seus quadros o poema que Deus escreveu com rimas de mar, céus, penhascos e arborização e que o pintor se limita a copiar...

«Barcos», na Foz do Douro, de tintas de Besnard baças e menos fluidas, temperadas na friesa do ambiente nortista, diferentes da verbosidade do clima algarvio, não impressionaram o temperamento suísta de um modo geral, se bem que ostentem diploma concedido por um salão do Porto. Trata-se de um quadro impressionista pálido, sem tradução artística para a sensibilidade de algarvia.

Já os seus penhascos nortenhos, melancólicos, enlutados de sombras, a contrastar com os nossos jurássicos, loiros como um anglo-saxónico, têm forma, eloquência pictural. São uns penedos da saudade que se retratam na espelhagem das águas, esquecidos de si próprios como um Narciso que para ali ficou de tempos idos — dos tempos mitológicos...

Na sua grandiosidade de volumes arroxeados e violáceos, o Marão vive na pincelada dos artistas com excelentes longes de saudade e de ternura, evocando Teixeira de Pascoais nas suas «rimas» eternas de versos branco, que ele soube como ninguém, depois de Garret, interpretar.

Com isto, nada mais. Ficam apresentados os dois artistas portugueses que longe de «fotografarem» com os olhos e «revelarem» com a espátula no seu laboratório — como diriam certos snobistas... — são uma lição com os seus «postais nortenhos» para a pintura daqueles que nunca souberam pintar — os tais «eletrónicos»... e até pela interpretação viva de regionalistas.

Faro, 19-VI-1957

António Augusto Santos

Ecos de Querença

No próximo dia 30 do corrente realiza-se nesta freguesia a festa do Sagrado Coração de Jesus conjuntamente com a Primeira Comunhão.

A fim de preparar as crianças para este acto, o Rev. Pároco tem-se deslocado às escolas da freguesia.

A festa constará de missa de comunhão com pregação e admisão de novas zeladoras e associadas do Apostolado da Oração.

—Com grande solenidade e concorrência de fieis realizou-se no dia 20 a festa do Corpo de Deus.

—Acompanhada de seu marido, sr. José António Parreira Ferreira Dias, proprietário em Queluz, já se encontra de novo a prestar serviço nesta localidade a distinta professora sr.ª D. Maria Amélia Cativo Leonardo Ferreira Dias.

—Iniciou há pouco a sua laboração no sítio do Pombal uma moagem de ramos propriedade do sr. Manuel Guerreiro da Silva, o que veio beneficiar muito os agricultores desta região.

—Parece que finalmente este ano há seguras perspectivas de uma abundante colheita, pois felizmente o tempo correu favorável ao trigo, alfarrobeiras, amendoineiras e oliveiras, principais riquezas dos nossos campos. Sómente nalguns sítios a produção de azeitona não será tão farta como prometia.

—Apoz alguns anos de permanência na Argentina, encontram-se entre nós, tendo fixado residência no sítio da Amendoeira, os srs. Joaquim Duarte e Joaquim Felicidade. — C.

Ecos de SALIR

No dia 26, cerca das 14 horas, no sítio do Monte das Figueiras de Baixo, desta freguesia, devido a causas ainda desconhecidas, manifestou-se um violento incêndio em serras pertencentes à sr.ª D. Maria Moura Teixeira, moradora em Salir, e ao sr. José Teixeira, residente em Querença.

O sinistro tomou rápidamente grandes proporções, que só não redundaram numa tragédia por a população de Salir ter pronta e abnegadamente acorrido ao local e combatido o fogo com todos os meios ao seu alcance, conseguindo debelá-lo após porfiados esforços.

Os prejuízos calculam-se em 40 alqueires de trigo na parte pertencente à sr.ª D. Mourinha Teixeira e 15 do sr. José Teixeira.

27-6-57 C.

Deseja ficar bem servido nas vossas pinturas?

Utilize DYRUP

Tintas para todos os fins des de 18\$00 cada quilo

Representante exclusivo em LOULÉ

CASA IGNEZ

Av. José da Costa Mehalha, 31 a 35

NÃO COMPRE

Motores Eléctricos, Diesel e a Petróleo sem primeiro visitar o

STAND de José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

LOULÉ

Quarteira

Aluga-se casa mobilada, próximo da Avenida Marginal.

Tratar com Manuel de Sousa Ignês Júnior — Loulé.

VENDE-SE

Aparelhagem sonora com amplificador e 2 alto-falantes, marca Philips, gira-discos Paillard, microfone etc.

Tratar no Café Bailote — Albufeira.



Competidora Comercial Louletana, Limitada

SEDE EM LOULÉ

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 19 de Junho de 1957, exarada nas notas da secção à cargo do notário da Secretaria Notarial de Loulé, Licenciado José Alves Maria, Manuel Guerreiro cedeu a Maria Celeste Viegas Barreiros a quota de 10.000\$00 que tinha na sociedade sob a denominação acima referida, renunciando à gerência.

Loulé, 24 de Junho de 1957

O Notário,
José Alves Maria

Propriedade

Vende-se uma propriedade no sítio do Areeiro (Loulé) com muito arvoredo.

Recebem-se propostas em carta fechada reservando-se o direito de não aceitar caso não interesse.

Dirigir correspondência para Herdeiros de Manuel Martins Entrudo — Estação de Almancil.

AGORA E SEMPRE

(Continuação da 1.ª página)

cedência. Cabe aqui chamar a atenção dum quarto responsável: a fiscalização.

Voltando à lavoura, que destino prudente o lavrador dar às alfarobas que vareja ainda completamente verdes, com pretexto de que a ladroagem as surripiam?

Quando se compenetra este elemento da produção — o lavrador — que só à custa do cuidadoso expurgo dos figos consegue aproveitar toda a colheita, contra um terço ou mais que perde por não praticar estas regras de boa economia?

Quando se compenetram todos os elementos adstritos ao comércio de exportação de frutos de que os seus interesses, longe de serem antagónicos, dependem da coesão que associa os diversos ramos da mesma actividade?

Quando os factos responderem de modo positivo a estas perguntas e quando as razões acima expostas forem tomadas à conta de pecados veniais, talvez a economia do Algarve possa sentir-se penitenciada da cruz que a sobrecarrega.

Gil Brasino

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 124 — 30.6.57

Tribunal Judicial
Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela 1.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e, nos autos de **Execução com Processo Sumário** que Manuel Martins dos Santos, casado, proprietário, residente no povo e freguesia de Salir, move contra António Martins Ramos, solteiro, maior, agricultor, residente no sítio da Califórnia, freguesia de Salir, desta comarca, correm editos de **VINTE DIAS**, a contar da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os **Credores Descobertos** do referido executado, para, no prazo de **DEZ DIAS**, findo o prazo dos editos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos do disposto no artigo oitocentos sessenta e quatro do Código de Processo Civil.

Loulé, 26 de Junho de 1957.

O Chefe da 1.ª Secção

Joaquim Guerreiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

a) Marino Barbosa Vicente

Júnior

Não compre

Móveis ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO
(antiga firma PINTO & PEREIRA)

Avenida José da Costa Mehalha — LOULÉ

MOBÍLIAS — ESTOFOS — TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto **SYNTECO**

(que resolve o problema do enceramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa

Coisas do arco da velha!

A alegria e o orgulho de viver numa pretensa camada superior, para certas pessoas que desejam pertencer à Alta-Roda consistem em algumas (modernistas segundo se consideram) se masculinizarem e reduzirem cada vez mais vestuário, dançar bem desengonçado o Rock and Roll e outras dângas ultramodernas de ruidoso batuque, pinturas exageradas que em vez de as alindrar, as tornam mais feias, no vício de fumar, no flirt, no calão bestial e em tudo o que possam inventar para toranar desestável a moral e os naturais encantos femininos.

Para alguns jovens perfumados e com a pretensão de serem elegantes, consistem em se afeinarem e tornarem notados por actos que os aviltam e rediculizam.

Tudo o que não obedeça a esta pseudo-mística, é feio, é antigo, está fora de moda, é bota de elástico!

Que Deus lhes perdoe, porque não sabem o que fazem e menos ainda o que dizem.

Valha-nos ao menos, a esperança neste vale de lágrimas em que todos universalmente nos debatemos, que tudo felizmente, mais cedo ou mais tarde há-de voltar ao equilíbrio firme e sensato das Idéias, das Coisas, da Moral e dos Factos, mostrando-nos que a Vida após ter percorrido mais uma das suas dolorosas transições, volta como sempre, à sua marcha normal, a despeito da ilusão e dos defeitos dos homens.

Raúl Campos

As regas valorizam as suas terras...



Os motores VILLIERS

valorizam as suas regas...

Portanto adquira quanto antes um destes esplendidos motores no Agente em Loulé

Manuel Francisco Guerreiro

Largo Gago Coutinho, 11

e verá rapidamente aumentado o seu rendimento

SUL PREDIAL

Coloca 750 contos em fracções sob garantias hipotecárias. Vende 17 prédios urbanos, rústicos e mistos situados no concelho de Portimão.

Compra propriedades com rendimentos de cortiça até 1.500 contos e outras propriedades de grandes dimensões.

Trespassa estabelecimento de mercearias finas, e de fazendas nos melhores pontos de Portimão.

Encarrega-se da administração de prédios e cobrança de rendas.

Portas de S. João n.º 26 — Tel. 556 — Portimão.

Apesar do seu feitio agreste e varonil, era uma mulher de bom senso, mas um sofrimento tão ardor tornára-a selvagem.

Sucedeu então que outra vez uma mulher esperava uma criança. O susto tinha desaparecido e o povo andava bem disposto; basta chamar o padre a tempo, diziam e o cagador ficará a chuchar no dedo. Mas quanto mais se aproximava o dia do nascimento, tanto mais quemante era a mancha na sua face e com mais violência se alargava o ponto negro que começava a estender de si pernas distintas, a erigar-se de pêlos curtos e de pontos e riscos brilhantes, e do altozito rebentou uma cabeça ralante, de chispas venenosas, como se tivesse dois olhos. Um sôro de terror passou por todos, quando viram a venenosa aranha da cruz surgir dum ninho tão exquisito, e uma onda de pânico se apossou de todos, quando viram que a aranha estava encravada no rosto da infeliz mulher, e que ali tinha nascido e crescido.

O caso dava muito que falar e as opiniões divergiam, sem ninguém poder atinhar com o verdadeiro motivo. Todos queriam ajudar Cristina no que fosse possível e todos fugiam dela a sete pés. E quanto mais fugiam, mais Cristina corria atrás deles de casa, em casa. Só ela bem sabia que o diabo se não esqueceria da criança prometida e era por isso que corria atrás de toda a gente para induzir o povo ao sacrifício e andava numa afiguração diabólica a tentar convencer os aldeões com as suas frases soltas.

Mas o que doia a Cristina não doia a mais ninguém e o que ela sofria, era-lhe devido segundo a opinião geral, e para se livrarem de mais maçadas, acrescentavam secamente: «Ora aí tens. Nenhum de nós prometeu nenhuma criança, portanto não há ninguém que seja devedor de tal criança». Opelou para o próprio marido, usando falas coléricas, mas este encolheu os ombros friamente e, para se esquivar como os outros, dizia: «Isso passa. É um sinal como muita gente tem e, uma vez desenvolvido, a dor desaparece e fácil é fazê-lo excluir».

Porém aquele ferro em braza a queimar incessantemente, cada vez se enterrava mais profundamente, cada pena era uma chama do inferno e o corpo da aranha era o próprio inferno. Quando por fim a hora tão esperada da grávida chegou, Cristina sofria tão atrozmente, como se se afogasse num mar de fogo, como se facas em braza lhe esgaravatassem a medula; e como se redominhos de fogo lhe atravessassem o cérebro. O bicho peçonhento foi inchando sempre, empinou-se, e entre as sedas curtas deitou venenosamente para a luz os seus olhos atentos. A compaixão por ela tinha quase desaparecido e a casa da parturiente estava bem guardada para evitar alguma sortida; Cristina, não vendo mais recurso, atirou-se desvalirada

Cantinho dos novos

O ALGARVE E A SUA GENTE

Quem deixa a quente solidão da vasta planície alentejana para entrar ao de leve na serra algarvia, sente como que a alma a chegar-se-lhe de novo a si, para depois, já a sul, sentir do meio em que se embrenhou, a vida que lhe dá vida.

Da beira mar ao mais recondito lugarejo da serra, o algarvio é bafejado pelo clima paradisíaco que lhe tempora o corpo e alma, que lhe cobre as terras duma verdura sem par, que lhe cobra e docifica os frutos. Cada árvore, da mais pequena e florida à mais alta e fondosa, é um amigo que lhe dá tudo sem reagendar e que ele por conseguinte respeita.

A Natureza é a escola da gente algarvia, filhos duma terra quente que o Atlântico limita a sul com tão graciosas praias, onde alvas espumas se vão desmanchar no oiro das areias que o Sol de Verão torna cintilantes.

Cada praia é um recanto encantador de caprichosa natureza, cada uma diferente da anterior.

A contrastar com a cor clara, quase branca, da orla oceânica, qual barra de brancos saítes que formosas moçilas portam sob saias de cores garridas, há a cor verde salpicada de quando em quando por uma tonalidade harmoniosa de cores, como o fluir duma melodia de Verdi, Mozart ou Beethoven.

Outro apontamento de vulto, quanto à beleza natural do Algarve é, com mui valor, o céu. O

céu é de um azul como não há outro igual, que empresta ao mar cambiantes que são uma delícia para os olhos, um bálsamo para o espírito.

Como Deus é grande!

É o comentário de quem, por muito mau observador que seja, admire este canto que Portugal tem ao sul.

Se a sul tem a nostalgia do mar, o Algarve tem a norte o pitoresco das aldeias, a cor e a graça dos campos e das serras.

Ondulado manto de originais desenhos!

Aqui e ali, matizes de flores silvestres; além e mais ao longe, o branco de pequenas casas. Branco duma brancura imaculada, como que a reflectir a alma pura e simples da boa gente que sob esses tectos encontram o calor do lar, o carinho da família.

São as casas tipicamente algarvias, cuja parte mais característica é a chaminé de cunho regional. Os desenhos e arrendilhos que se coadunam nos delicos arabescos, são dignos da tela do mais exigente pintor.

A Natureza é a mais caprichosa das fadas, a mais original, a que possui um valor incalculável. Foi ela a abreira deste recanto de Portugal, a joia que conhecemos por Algarve.

E «d'As Mil e Uma Noites» a paisagem que se descontina nos horizontes desta terra abençoada.

E isto não é tudo.

A alegria da gente algarvia está bem vincada no folclore, cujo renome tem dado a volta ao mundo. Um povo que tem à sua volta os dados da mais cândida inspiração. Gente que vive a cantar, desde o mais taciturno pescador, ao mais simples «serinho».

Não será exagero em demasia, indicar paraíso como sinónimo de Algarve. A nostalgia das noites lucentes de Verão, por esses montes onde cada eira é um palco por mais simples que seja, na época das desfolhadas, é um pouco desse paraíso.

A paz de espírito é para os algarvios o pão de cada dia que vive, sempre em comunhão com a Natureza, com o que a final é o seu berço, o seu sustento e o seu leito para descansar eternamente.

A Natureza criou o Algarve e a seu molde nasce o algarvio. Este encontra na terra a candura que traz na alma. A neve das amendoineiras em flor é a mais inconfundível das provas.

Por isso, cada algarvio é um filósofo, um artista, um poeta. Quem melhor do que ele observa, pinta ou canta a sua terra?

Só ele, porque desde o berço e porque ela é sua Mãe.

Aurélia Guerreiro

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

mente ao longo do caminho que o padre devia seguir.

Lá vinha ele na encosta, a passo rápido, acompanhado do robusto sacristão, e nem o sol escaldante nem o ingreme e pedregoso caminho lhes travavam os passos; tratava-se de salvar uma alma, de afastar uma desgraça infinita e, como se tinha demorado por causa de um doente de longe, estava com receio de não chegar a tempo.

Semelhante de dor, correu ao seu encontro, rojou-se a seus pés, abraçou-o pelos joelhos, pediu, gemeu cheia de aflição que a salvasse daquele inferno, que sacrificasse a criança que ainda não conhecia a vida; e a aranha a intumescer-se cada vez mais; a reluzir no rosto enferrido de Cristina e com olhares remordentes a encandecer-se em direção aos utensílios e sinais sagrados do pároco. Era necessário tomar uma inabalável decisão. Com gesto brusco, o pároco afastou Cristina e fez o sinal da Cruz. O inimigo estava patente a desafá-lo, mas o padre, por agora, teve que renunciar à luta, porque urgia salvar uma alma que perigava. Trémula de desespero e de dor, e incapaz de se resignar, Cristina, numa última tentativa, correu na direita, mas a manácula robusta do sacristão a afastou com gesto brusco e o padre pôde chegar a tempo de defender a casa e receber em mãos bentas a criança, para a depositar no regaço de quem o inferno nunca vence.

Lá fora Cristina vomitava raiva. Queria à viva força a criança imbatizada, mas os braços de homens decididos depressa a impediram de entrar na casa.

Rajadas de vento embatiam nas paredes, um raio lívido envolvia a casa, mas a mão do Senhor estava por cima dela. Rondava-a Cristina, possuída dum desespero insano, mas todas as suas voltas foram baldadas, porque o recém-nascido foi baptizado, graças a Deus.

Tomada duma agitação febril, selvática, soltava do peito urros

tão horrorosos, que nem pareciam sons dum ser humano, e o próprio gado repuxava a tremer as cordas nos estábulos, e os carvalhos na floresta gemiam pela folhagem.

Doas Expressões

Na viela maldita,
Alguém espirrou
E os ecos acordam!
Um infeliz tropeçou
E a praga surgiu,
A sombra parou.

Roupa pendurada,
Mas negra e usada,
P'ra se ir desprender.
A criança grita,
O pai, vai bebendo,
A mãe, a sofrer!

No estranho portal
Da negra taberna,
O som se desprega,
Da guitarra antiga,
P'ra cantar a cega!

Um moço fugiu;
P'la lama viscosa,
Escorregou e caiu
Na viela maldita.

Na viela sombria
Não há só tristeza,
Também, alegria!
Da água-furtada
Canta a costureira
E o som, sempre agrada.

Soleira tão suja!
Miudos brincando,
Estão rindo e chorando,
A sua maneira.
E o pobre ranchinho
Tem graça e tem cor!

No ângulo da porta
Está um marinheiro.
Seu olhar abraça
A moça vaidosa
De andar ligeiro.

Roupa pendurada!
Sem ser roupa branca,
Alguém, considera,
Ser roupa lavada.

E a música passa,
Alegre elegia!
E tudo se assoma,
E como se o sol
Tocasse as vidraças
Na viela sombria!

Maria Leonor Gomes
de Mello e Horta

Dactilógrafo

Com conhecimentos de contabilidade, oferece-se.

Nesta redacção se informa.

VENDEM-SE PROPRIEDADES

Uma em Loulé, sítio da Costa, que confronta com a estrada de Quarteira e o cemitério de Loulé.

Outra propriedade no sítio dos Pés do Cerro, freguesia de Moncarapacho, com casas de moradia, ramadas e padeiros com diversos compartimentos.

Consta de arvoredo, alfarrobeiras, oliveiras, amendoeiras e figueiras. Vendem-se com arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com João Baptista Gago — Quinta Argentina — Moncarapacho.

A publicidade

(Continuação da 1.ª página)

Segundo lemos no «Diário de Notícias», que ao assunto se refere largamente, «foi Daunier que há meio século criou o primeiro cartaz de publicidade: um carvoeiro recebido alegremente pela dona de casa».

E o grande artista, Maurice Chevalier definiu a publicidade nos seguintes termos:

«Aprecio a publicidade desde que tenha uma acção positiva. Se aquilo que se fabrica sai bem, deve-se dizer-lhe.

Produz-se o melhor sabão do mundo e guarda-se silêncio desse facto: será um erro! Sobretudo porque se prejudicam todos aqueles que lavam as mãos. Não fazer publicidade quando aquilo que se fabrica é digno disso, não é fugir a prestar um serviço — é pura e simplesmente negativo».

Por outro lado, se aquilo que se fabrica é ordinário, a publicidade pouco resultado dará, porque o público, apercebendo-se de que lhe estão a vender «gato por lebre», reconhecendo o logro em que caiu, depressa porá de lado o produto que, induzido pela publicidade, começou a usar...

A publicidade constitui, sem dúvida alguma, nos tempos que vão correndo, o mais apreciável meio de propaganda e o maior auxiliar do comércio e da Indústria!... Usá-la, com critério, aplicando-a convenientemente, com arte e ciência, constitui um meio indubbiamente preciso para valorizar qualquer produto, auxiliando a sua expansão!

Quem não se socorre dessa meia, nos tempos que vão correndo, não conseguirá fazer vingar o seu trabalho, valorizando as suas criações por melhores que sejam!...

E de todo o ponto necessário, portanto, utilizar a propaganda através dos jornais, se se quiser obter resultados compensadores em qualquer indústria ou no comércio.

E desse meio que se servem os industriais e comerciantes inteligentes e bem orientados.

Desde muito novo, tenho conhecido de que, quem não utiliza a publicidade para a propaganda dos seus artigos, do seu Comércio ou da sua Indústria, conserva-se no anónimo e não passa da mediocridade!

José Gonçalves Rodrigues

CASA

VENDE-SE uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos, separados, para arrecadação, junto à estrada de São Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo LOULÉ

A média da vitalidade humana, apesar das invenções para atacar as doenças, pouco mais atinge de meio século; raramente se chega a 100 anos.

Magazine

UMA BANDEIRA PORTUGUESA POR 9 MIL CONTOS

Participações de nascimento

Em modernos e originais
modelos, executam-se na
Gráfica Louletana

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Junho:

Em 28, a menina Iolanda Maria Costa de Azevedo.

Fazem anos em Julho:

Em 2, a sr.ª D. Guilhermina Pereira Bento de Sousa Ramos, os srs. Manuel de Sousa Farraga, residente no Canadá e Helder Vieira de Sousa, residente em Albufeira.

Em 3, a sr.ª D. Emilia de Sousa Carrusca e o menino Hector Rua Arquieri, residente na Argentina.

Em 4, as meninas Maria Célia de Brito Pinto, residente na Venezuela e Lídia Guerreiro Portela.

Em 5, as sr.ªs D. Benvinda do Pilar Ricardo e D. Maria da Luz Morgado dos Santos.

Em 6, as meninas Aurida Maria da Piedade Ferreira, Maria do Carmo Vasques da Franca Leal, Maria Henriqueta Vila Lobos de Carvalho Santos e Aura Maria Rosa.

Em 10, o menino Carlos Alberto Dias Coelho Cabanita.

Em 11, o sr. Dr. Manuel Cabecadas, o menino José João Costa Mendonça e a menina Zélia Maria Viegas da Costa.

PARTIDAS E CHEGADAS

— De visita a sua família, esteve em Loulé acompanhado de seus filhos e esposa, sr.ª D. Divina de Jesus Moura Pina Duarte, o nosso prezado amigo e compatriota sr. Alvaro Pina Duarte, guarda-livros no Chinde (Moçambique) da importante companhia inglesa Sena Sugar Estates, que veio à Metrópole em gozo de merecidas férias.

— Tivemos o prazer de cumprimentar nesta o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Francisco da Conceição Paula, proprietário do nosso colega «Jornal de Lagos» e conceituado comerciante naquela cidade.

— A passar as férias em casa de seu cunhado sr. João Martins Rodrigues, encontra-se em Loulé a menina Luisa Martíño Barroso, natural de Vila Nova de los Castilejos (Espanha).

— A fim de se submeter a um tratamento especializado, esteve em Coimbra acompanhado de sua esposa, o distinto advogado e nosso prezado amigo sr. Dr. Mário da Costa dos Santos Vaz.

— Acompanhada de sua sobrinha, sr.ª D. Maria de Jesus Pinto Garcia, regressou de Lisboa a sr.ª D. Teresa de Jesus Pinto Afonso.

DOENTE

— Tem estado retido no leito o nosso prezado amigo e estimado gerente da Agência desta vila do Banco Nacional Ultramarino.

Ex. mas Senhoras

EDUARDO CORREIA, tendo completado, no passado dia 22 do corrente, 25 anos de actividade profissional como cabeleireiro, aproveita esta feliz oportunidade para agradecer publicamente a todas as Ex. mas Senhoras que se têm dignado ser suas clientes, distinguindo o seu Salão com uma preferência que muito o desvanece e à qual tem procurado sempre corresponder, acompanhando todas as evoluções da arte, tanto no que se refere a penteados como em material e produtos químicos.

Aproveita o ensejo para comunicar a todas as Ex. mas Senhoras que, com o mesmo objectivo de **bem servir**, acaba de modernizar o seu Salão de Cabeleireiro, proporcionando maior comodidade às Ex. mas Clientes num ambiente de permanência mais agradável.

Salão de Cabeleireiro EDUARDO
LARGO GAGO COUTINHO LOULÉ



A Volta a Loulé

A publicidade e o seu valor no desenvolvimento do Comércio e da Indústria

A publicidade atingiu o seu ponto capital, sendo hoje considerada o valor máximo para o desenvolvimento do Comércio e das Indústrias. Sem a publicidade poder-se produzido um bom produto, sem resultados compensadores... O descobrimento da sua existência, dará lugar a que o público o não procure, tendo isso como consequência o prejuízo do fabricante, que não vende o que fabrica e do público que não pode aproveitar as suas vantagens, adquirindo-o.

Reconhecida a vantagem da publicidade, poucos deixam de a aproveitar para propaganda dos seus produtos.

Em Portugal ainda vamos muito atraçados sob esse aspecto, se bem que haja muita gente que não descura a propaganda por meio de publicidade como bastante útil ao desenvolvimento dos negócios e para poder obter certa prosperidade.

Em França, foi agora comemorado mais um aniversário da publicidade naquele País, tendo sido realizado um Congresso, ao qual concorreram todos os técnicos dessa arte — porque a publicidade constitui hoje, uma Arte

Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa

Ginginha e Eduardino das Portas de St. Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

rino, sr. Raul Rafael Pinto.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

FALECIMENTOS

— Com a idade de 70 anos, faleceu no dia 21 do corrente, no sítio das Torres de Agra, o sr. José António Bexiga, proprietário, que deixou viúva a sr.ª D. Maria Inácia Mendes.

— Com a idade de 70 anos, faleceu no dia 21 do corrente o sr. José António Bexiga, casado com a sr.ª D. Maria Inácia Mendes, proprietário, morador no sítio do Barrocal de Agra, freguesia de S. Clemente.

O extinto, era irmão das sr.ªs D. Grertrudes Francisca Palminha e Maria Bengalinha.

As famílias enlutadas, as nossas condolências.

— tendo sido apresentadas várias teses, todas elas concorrentes ao desenvolvimento do excelente meio de propaganda, de uma utilidade incontestada.

(Continuação na 3.ª página)

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL

A pretérita jornada do Torneio Popular de Futebol, realizado no domingo, dia 23, no Estádio Campina, proporcionou uma bela tarde desportiva à relativamente grande assistência que lá compareceu...

O primeiro jogo, no entanto, pouco interesse ofereceu. Sabendo-se que se defrontavam o experimentado «Atélico» e o ainda inexperiente, se bem que esforçado Grupo dos «Leões», previa-se antecipadamente o resultado...

... O que não se esperava, talvez, era uma «cabazada» tão grande: 7-0. Com franqueza, foram golos de mais...

O segundo desafio começou num ambiente de expectativa compreensível. «Unidos» e «Ponto Azul», os dois clubes em campo, mostravam-se em boas condições de disputarem uma vitória que ambos desejavam ardente mente obter... Neste intento vimos querer dos teams empregar-se a fundo, sendo, porém o «Unidos» que mais superioridade evidenciou, especialmente no 2.º tempo, em que o guardião das redes do «Ponto Azul» se viu mesmo «azul» para defender tantos remates, conseguindo-o porém de maneira a merecer elogios pela sua excelente actuação, à qual o «Ponto Azul» ficou devendo em grande parte só ter perdido por 2-0...

No terceiro e último jogo da tarde a «coisa começou a aquecer» logo de início... Defrontavam-se o «Barreiras Brancas» e o «Campinense», ambos candidatos ao cobiçado título de campeão, e foi, verdadeiramente, um autêntico jogo de campeonato aquele que a entusiasmada assistência presenciou durante os 60 minutos deste jogo.

A vitória esteve indecisa até próximo do final, prestando o interesse dos espectadores e oferecendo-lhes lances de emoção até aos últimos instantes. Tanto assim que só a poucos minutos de soar o apito para terminar o jogo o «Campinense» conseguiu os 3-1 com que finalmente se desembocou (mas a muito custo...) do seu aguerrido adversário.

Espectador

Jogos para Domingo, dia 30:

F. C. Almansil - J. S. Campinense; G. D. Unidos Barreiras Brancas F. C.; J. S. Atlético - F. C. Ponto Azul.

Classificação actual

Clubes	J	V	E	D	P
Campinense	9	7	2	0	16
Atlético	9	7	1	1	15
Barreiras Br.	10	6	0	4	12
Unidos	8	2	3	3	7
Almansil	8	1	4	3	6
Ponto Azul	9	2	1	6	5
Leões	9	0	1	8	1

CICLISMO

(Continuação da 1.ª página)

dade imposta pelos «contra-relojhos», os admiradores dos nervosos e empolgantes «sprints» sobre a meta, enfim de toda a gama de provas ciclistas, que transmitem aos espectadores um manancial de episódios emotivos, quando bem disputados.

Sabemos que se trabalha com vontade no sentido de corporizar a ideia de erguer novamente o ciclismo louletano. O impulsor da obra é o Rev. Padre Luís, que alia às qualidades, de bom sacerdote as de um activo organizador desportivo. Confiamos, sem esquecer, porém, que a missão requer a indispensável colaboração de todos os fiéis amigos do nosso desporto do pôdal.

EM TEMPO: Chegou até nós a agradável notícia de que a nossa Câmara vai proceder ao arranjo da pista do seu estádio. Se assim é, graças à louvável ajuda da nossa edilidade, atingiu-se a primeira meta.

O Atlético de parceria com os Leões de S. Francisco inscreveu-se oficialmente em ciclismo.

A secção dos alvi-negros será dirigida por uma comissão de sócios, que trabalhará em conjunto com a direcção dos Leões.

No segundo festival de ciclismo organizado pelo Ginásio de Tavira, entrevistaram os corredores do Sporting Clube de Portugal, Américo Raposo, campeão de velocidade e Pedro Júnior, que venceu a última Volta ao Algarve, e ainda corredores dos Leões e Atlético de Loulé que fizeram a sua estreia na pista de Tavira em representação dos 2 clubes louletanos.

Além de Juva e Analide, salientaram-se Francisco Madeira, do Poço Novo, (ex-Ferroviário de Luanda), que venceu um dos 10 sprints das 100 Voltas para amadores e independentes e mostrou excelentes qualidades de estradista e Coelho (Bezouro) que apesar de novo foi também uma revelação.

As 100 Voltas foram ganhas pelo taurirense Jorge Viegas (ex-Atlético de Loulé) seguindo-se Américo Raposo, Pedro Júnior, Sérgio, de Tavira, Madeira, de Loulé, e outros corredores, tendo

do estes cinco ciclistas coberto cerca de 42 Kms, em 1 h. e 5 m. à média horária de quase 42 Kms., o que é realmente uma excelente performance.

—

Da equipa do Ginásio de Tavira, dois dos seus melhores corredores, Jorge e Sérgio, estão indicados para alinharem nos campeonatos do mundo de amadores, em Itália. Isto no caso desses corredores não passarem a independentes, dada a provável participação dos taurirenses na próxima Volta a Portugal.

—

Aproveitando o bom entendimento Loulé-Tavira, estuda-se a possibilidade de alinhar na próxima Volta a Portugal uma equipa representativa do Algarve com % de corredores de Tavira e % de Loulé. A inscrição desta equipa mista já foi sugerida à Associação de ciclismo do Sul, que acolheu a ideia favoravelmente, dependendo a aceitação final da Federação.

—

Estuda-se a realização do I Girto ao Algarve, com inicio e final no estádio de Alvalade, em Lisboa. A efectuar-se, esta prova seria percorrida em 6 dias, divididos por 8 tiradas — 5 em estrada e 3 em pista — na extensão de 880 Kms. Seria disputada de 19 a 24 de Julho (vesperas da Volta) e serviria de treino-competição destinado à preparação de todos os corredores dos clubes do Sul esculpidos para a grande ronda ao País.

—

Vai ser proposto «cronometrista de ciclismo» da Comissão Regional do Sul de Arbitros, Juízes e cronometristas, o sr. António Laginha Ramos, que demonstrou optimas qualidades para esta missão durante a última Volta ao Algarve.

J. T.

Não faça os seus seguros sem consultar Castro Correia Jor Loulé

As melhores condições, nas melhores companhias

Tem o prazer de participar ao Ex.º Público de Loulé, que sob a denominação de

CASA VARGAS

acaba de abrir na Praça República, 34-38 (em frente ao edifício da Câmara Municipal) um moderno estabelecimento de fazendas e retrozeiros, cujo abundante sortido inclui as mais recentes novidades em:

Sedas ~ Tecidos de lã e algodão ~ Malhas ~ Colchas ~ Atoalhados ~ Camisas ~ Meias, etc., das melhores qualidades e aos mais baixos preços.

Não faça, pois, as suas compras sem consultar a

CASA VARGAS

Parque de Diversões de QUARTEIRA

A Junta de Turismo da Praia de Quarteira recebe propostas até ao dia 15 de Julho próximo para arrendamento do Bar do seu Parque de Diversões, durante a próxima quadra balnear.

A Junta reserva-se o direito de aceitar ou não qualquer proposta.

Quarteira, 21 de Junho de 1957.

O Presidente da Junta,

António de Sousa Pontes

Turismo algarvio

(Continuação da 1.ª página)

O Algarve, pela suavidade do seu clima, especialmente durante o Inverno, a policromia e variedade da paisagem, a beleza excepcional das suas muitas praias, engastadas numa costa marítima de aspectos surpreendentes, pelo grande encanto da Serra de Monchique, pelos seus castelos, monumentos, estações arqueológicas e ainda pela legenda incomparável de Sagres, poderá e deverá ser um grande valor a considerar nos planejamentos da organização geral do turismo português.

Eis por que o interesse nacional pede que sejam definitivamente resolvidos os velhos problemas dos planos de urbanização algarvios, nos quais destacaremos o da Praia da Rocha e das Caldas de Monchique.

Sendo o Algarve uma região essencialmente turística, não resta a menor dúvida de que é a região Praia da Rocha-Praias de Lagos-Sagres-Caldas de Monchique, que está merecendo a maior frequência de estrangeiros e nacionais, que não encontram, especialmente em Sagres e nas Caldas de Monchique, instalações convenientes.

Seria interessante que aproveitando da aproximação do centenário henrique, fosse construída em Sagres, pelos bons ofícios do Secretariado da Informação pelo menos uma pouada condigna, dispondo de mais alguns quartos do que é habitual. Convém acentuar que a região de Sagres é ideal para os exercícios da caça e da pesca desportiva, mais um valor a considerar nesta costa marítima, de feição puramente mediterrânea.

Estamos certos de que a iniciativa particular saberá ir acompanhando as dificuldades concedidas.

2 ruas modestas

mantêm viva em